

FACULDADE CIDADE DE JOÃO PINHEIRO – FCJP
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

BÀRBARA THAIS HENRIQUE DE OLIVEIRA

O RACISMO NA ESCOLA E COMO DEBELAR COM
AÇÕES PEDAGOGICAS JOÃO PINHEIRO-MG-2018

JOÃO PINHEIRO/MG

2018

O RACISMO NA ESCOLA E COMO DEBELAR COM AÇÕES PEDAGOGICAS JOÃO PINHEIRO-MG-2018

Artigo apresentado à Coordenadoria do Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica da Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP), como parte dos requisitos para obtenção do título de Pedagoga.

Prof.^a. Ms. Giselda Shirley da Silva

Orientadora: Ms.Prof.^a Ms. Giselda Shirley da Silva

JOÃO PINHEIRO/MG

2018

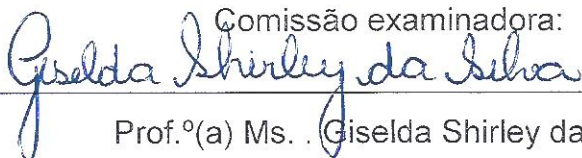
FACULDADE CIDADE DE JOAO PINHEIRO-FCJP
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

A comissão examinadora, abaixo-assinada, aprova o artigo

O RACISMO NA ESCOLA E COMO DEBELAR COM
AÇÕES PEDAGOGICAS EM JOÃO PINHEIRO-MG-
2018

Elaborado por Bárbara Thais Henrique de Oliveira

Como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga.

Comissão examinadora:


Prof.º(a) Ms. . Giselda Shirley da Silva

Prof.º(a) Ms. Giselda Shirley da Silva

JOÃO PINHEIRO, 12 de DEZEMBRO DE 2018

REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES SOBRE O RACISMO : Um estudo de caso em João Pinheiro

Bárbara Thaís Henrique de Oliveira¹
Prof. Esp. Giselda Shirley da Silva ²

Resumo:

O racismo na escola e como debelar com ações pedagógicas é um tema cada vez mais presente em nosso cotidiano, a pesquisa foi feita em uma escola estadual da Cidade de João Pinheiro no ano de 2018. A visita à escola foi previamente agendada com a supervisora, A problemática central da pesquisa foi: Qual é a perspectiva de professores em relação ao tema, e qual o conhecimento dos alunos sobre o mesmo. Foi aplicado dois questionários, um para professores contendo seis perguntas abertas em relação à escola que atua, se eles trabalham o racismo, se faz parte do currículo e se ele já sofreu racismo. E outro questionário aplicado para os alunos foi em relação se eles sabiam o que era racismo, se a escola trabalha o tema e se eles consideram o Brasil um país racista. Os objetivos da pesquisa foram saber como a escola aborda o tema, como o professor trabalha com os discentes o mesmo, como o aluno vê essa questão do racismo. A pesquisa apontou que ainda existe um racismo mais velado, tanto na visão dos professores quanto dos alunos.

Palavra chave: Racismo. Educação. Escola.

¹Graduada em Pedagogia pela Faculdade Cidade de João Pinheiro-FCJP

²Doutoranda em Historia pela Universidade de Évora Mestre em Historia pela UNB (2007), possui Especialização em Historia do Brasil pelo PREPES-PUC-MINAS(2004) Especialização em Educação a Distancia pela faculdade do Noroeste de Minas (2008); Graduação em Historia pela faculdade do Noroeste de Minas(1998). Atualmente é professora da faculdade Cidade de João Pinheiro e da Faculdade do Noroeste de Minas, Historiadora responsável pelo Setor de Patrimônio Cultural da Secretaria da Cultura de Joao Pinheiro, membro do conselho de Patrimônio Cultural de Joao Pinheiro, Pesquisador integrante do CIDEHUS.UE- Centro de Historia, Cultura e Sociedade da de Évora.

Abstract: Racism at school and how to deal with pedagogical actions is an increasingly present theme in our daily life, the research was done at a state school in the city of João Pinheiro in the year 2018. The visit to the school was previously scheduled with the supervisor, The central problem of the research was: What is the perspective of teachers in relation to the subject, and what the students' knowledge about it. Two questionnaires were applied, one for teachers containing six open questions regarding the school that operates, whether they work on racism, whether it is part of the curriculum and whether they have already suffered racism. And another questionnaire applied to the students was in relation if they knew what was racism, if the school works the theme and if they consider Brazil a racist country. The objectives of the research were to know how the school approaches the subject, how the teacher works with the same students, how the student sees this issue of racism. The research pointed out that there is still a more veiled racism, both in the eyes of teachers and students.

Key words: Racism. Education. School.

1-Introdução

Esse trabalho teve como objeto de estudo o racismo na escola e como debelar com ações pedagógicas.

O universo da pesquisa é uma escola pública de João Pinheiro e o público-alvo são os alunos do quinto e sexto ano em 2018.

O mesmo teve o objetivo de analisar como o tema é trabalhado na escola, qual a visão dos alunos sobre o assunto, se já passaram por isso e também tem a intenção de estar ajudando futuros acadêmicos com esse trabalho.

O interesse pessoal pelo tema deu-se por entender que o mesmo é algo que vem dando grande repercussão na sociedade, sendo também redes sociais, redes televisivas e vários outros segmentos. O tema foi devido ao grande debate que ele vem gerando, sempre tive muito interesse pelo mesmo que é de grande importância para a formação de cidadãos.

O racismo na escola não é um tema tão recente, ganhou maior visão no século XXI tanto pelo lado positivo quanto negativo, pois sempre é um tema muito polêmico. Acredito que o preconceito é a mais perversa de todas as violências praticadas contra o outro, pois mexe diretamente não só com a pele, mas, principalmente com a alma e origem da pessoa. O racismo acarreta ações discriminatórias e preconceituosas muito comuns no cotidiano, na infância já sofri ações discriminatórias que na época não era tão falada, recebi apelidos pejorativos como “juba de leão, cabelo de Bombril, até hoje me lembro da música que os alunos cantavam” e a professora não fazia nada em relação ao assunto.

Esse trabalho teve como relevância social estar abordando o tema de maneira a ajudar a sociedade em geral, pois o mesmo tem de ser falado, pois ainda acontece, mesmo sendo velado ou explícito, perante a lei todos são

iguais, mas para que a conscientização aconteça mais rápido, é necessário que as pessoas, as redes televisivas e sociais debatam mais esse tema.

A relevância acadêmica deste trabalho teve como finalidade a busca por leituras sobre o racismo na escola e como debelar com ações pedagógicas as quais poderão contribuir para pesquisas futuras no meio acadêmico.

O racismo quando praticado, causa traumas psicológicos bem como físicos, a pessoa. Começam a não se aceitar, a não aceitar o cabelo, a cor da pele, os lábios, que na maioria são grandes, hoje é um tema muito visto na televisão, revistas, redes sociais, com pessoas assumindo o cabelo, e tendo orgulho na cor, etc. É importante levar tal discussão para sala de aula, para que os professores e alunos assim construam um ambiente de respeito de maneira que possam conviver bem cada um de sua maneira independente de cor, cabelo, religião.

O professor como um formador de opinião de crianças e adolescentes, deve trabalhar e estimular o debate em sala de aula sobre essas questões, o problema é, que muitas vezes o próprio docente não está preparado e nem recebe apoio para isso desta maneira o presente artigo trará uma forma de ajudar professores.

2-Minhas problematizações foram: O que é racismo? Em sua opinião há racismo no Brasil? Por que? O Brasil é um país racista? A escola trabalha o tema racismo? Você já sofreu racismo? Como foi?

Os objetivos se embasaram em: Investigar qual é a perspectiva de professores em relação ao racismo, em uma escola estadual de João Pinheiro. Qual o trabalho de racismo ou atuação em prol de uma educação antirracista. Qual a visão dos alunos sobre o racismo na escola. Analisar ações educativas contra o racismo fazem parte do currículo escolar. Qual a visão dos professores sobre a forma a família contribui para que as crianças sejam ou não racistas. Observar se o racismo influencia no sentido de pertencimento e identidade da criança.

Acredita-se que as maiores dificuldades dos alunos sobre o assunto, seja porque a escola ainda não retrata bem, mesmo tendo a lei que torna obrigatório o ensino da história africana, afro-brasileira e indígena lei 10.639/03 que torna obrigatório esse ensino, está lei sem dúvidas foi um avanço, mas ainda não foi

bem colocada em prática. Mas para que realmente de certo discentes e docentes precisam trabalhar juntos com ações preventivas contra o racismo fazendo projetos de inclusão, pedindo a ajuda dos responsáveis que também é muito importante para a realização desse projeto fazendo assim com que as pessoas se conscientizem da importância do assunto. Um dos maiores desafios é combater o preconceito dentro de sala de aula, pois são pessoas diferentes umas das outras dentro de uma sala, e isso acaba gerando conflitos e faz com que comece o preconceito, no caso, racismo, assim, o professor precisa estar preparado para enfrentar essas situações desmitificando todos os tipos de discriminação.

A família é a base para que a criança seja ou não seja racista pois muito já vem com esse prejulgamento de casa pois aprendem com familiares a serem assim, se para uma criança branca e pobre já é difícil para o aluno negro e pior pois além de tudo ele é discriminado pela cor de pele, seu cabelo e sua condição financeira isso acaba até atrapalhando o desenvolvimento do aluno com isso muitos nem querem ir para a escola pois se sentem mal naquele ambiente.

(Diários e experiências relações étnico- racial 2016. P.15).

O processo de socialização primária é sobre a fase de socialização que ocorre desde o nascimento, a família tem papel importante para a formação do indivíduo, pois, ela desenvolve e consolida o vínculo com a criança, com isso observamos que eles começam a conviver com o racismo muito cedo, na educação infantil a criança já começa a descobrir seu corpo e com isso as diferenças e igualdades com os outros colegas, assim, à escola e à família tem grande importância para formar cidadãos mais conscientes e inclusivos com as diferenças.

3-Material e Métodos

Pesquisa qualitativa, a metodologia de pesquisa para MINAY (2003,p.1618) é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade. A pesquisa é assim, a atividade básica da ciência na sua construção

da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais em um nível de realidade, que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros construto profundos das relações não pode ser reproduzidos a operacionalização de variáveis.

Ela proporciona a melhor resolução do contexto de um problema, e uma metodologia de pesquisa não estruturada e exploratória baseada em pesquisas e amostras. Ela compreende e analisa as opiniões dos entrevistados.

O instrumento de coleta de dados utilizado para esta pesquisa foi via questionário, a acadêmica foi a escola um dia antes para estar conversando com a supervisora sobre a pesquisa, a mesma aceitou ficando bem satisfeita sobre o tema retratado, passando o horário que poderia estar indo à escola. A coleta de dados durou dois dias, um no horário da manhã e o outro à tarde, sendo aplicado um questionário com cinco perguntas abertas, o qual foi aplicado para vinte alunos, dez do Quinto Ano e dez do Sexto Ano, a supervisora quem escolheu, a mesma falou um pouco do tema e os alunos entendendo o assunto comentaram que o mesmo já havia sido falado, que a professora de ensino religioso tinha trabalhado o mesmo com eles na semana anterior.

Os alunos não tiveram dúvidas sobre as perguntas, leram e responderam de acordo com o pedido a eles, assim que todos terminaram.

4-Fundamentação:

Este trabalho busco entender o racismo na escola e o combate com ações pedagógicas. Ele teve como finalidade transmitir ao leitor a importância de se combater o racismo com ações pedagógicas. A escola tem várias maneiras de se trabalhar o racismo, mas mesmo assim ainda é bem omissa em relação ao assunto.

“A grande tarefa no campo da educação há de ser a busca de caminhos e métodos para revêr o que se ensina e como se ensinam, nas escolas públicas e privadas, as que questões que dizem respeito ao mundo da comunidade negra. A educação e um campo com sequelas profundas de racismo, para não dizer o veículo de comunicação da ideologia branca.” (ROCHA, 1998, p. 56).

Um dos maiores obstáculos da educação é obter um método para ensinar no âmbito escolar as questões sobre o negro, pois ainda não é muito bem falado a questão da história do negro, a valorização dele.

“A autora Eugenia Foster nos lembra que a escola silencia sobre o racismo até mesmo quando esta afirma estar falando sobre a questão racial. “Todos se dizem não – racistas mas apontam o racismo no colega” (FOSTER, 2004, p.9).

De acordo com a autora, mesmo a escola falando sobre o racismo ele ainda é velado, alguns até se dizem não racismo mas fala coisas racistas sobre o próximo ou mesmo fala que o outro é racista.

No que diz respeito ao comportamento do professor em relação a esses conflitos, o dramático depoimento da menina (negra) é bastante elucidativo. Segundo ela, as crianças a xingam “... de preta que não toma banho. Só porque eu sou preta eles falam que eu não tomo banho. Ficam me xingando de preta cor de carvão. Ela me xingou de preta fedida. Eu contei para a professora e ela não fez nada”. (CAVALLEIRO, 2006, p.52).

A maior preocupação como essa criança é que ela irá crescer levando isso para a vida dela, pois são traumas que não se esquece de um dia para o outro, a autoestima dela foi afetada por ser tratada dessa maneira, essa reação da professora apenas faz com que ela se sinta pior e os outros alunos acharem que o que estão fazendo está correto.

Quem mandou soltar esse cabelo. Não pode deixar solto desse jeito. Porque soltou? Ele é muito grande e muito armado! Precisa ficar preso- em seguida, energicamente, pega a maria Chiquinha do pulso a menina, prendendo-lhe os cabelos. (CAVALLEIRO, 2006, pp. 64, 65).

Ainda se observa que existe uma diferenciação do professor com o aluno negro que muitas vezes é rejeitado, ou por sua cor, seu cabelo, a citação acima mostra bem isso a professora menosprezando uma aluna pelo seu cabelo.

É necessário também que entenda a si mesmo como um sujeito que, para ensinar, precisa-se dispor a conhecer assuntos pouco discutidos, como o disfarçado racismo brasileiro “objeto de segredo e tabu, submetidos ao silêncio, um silêncio criminoso” (MUNANGA, 1996, p. 213).

O professor tem de ter ciência que a partir do momento em que está no âmbito escolar, ele tem de estar a par de vários assuntos que engloba a educação, como o racismo, ele tem de estar ciente que o papel dele é importante para que não tenha esse tipo de preconceito.

Apesar de considerar seu trabalho importante, a professora acredita que ainda há muito a ser feito. “Os professores precisam de mais instrumentos para lidar com a questão. Eles não se sentem à vontade para abordar esse tipo de situação porque não tem tato, não tem experiência”. De acordo com Wania, os cursos são uma boa opção para que seus colegas sintam-se mais preparados para discutir o assunto com seus alunos.

(EDUCAÇÃO, n 237, janeiro de 2001, pp. 32-3).

O trecho acima mostra bem uma professora relatando que falta instrumentos, eles não se sentem preparados para lidar com o assunto, se sentem sem saber o que fazer, até sugerem cursos para melhorar essa situação, talvez alguns professores se calam, pois, não sabem o que deve ser feito nesta situação.

A prática pedagógica deve considerar a diversidade de classe, sexo, idade, raça, cultura, crença, entre outros presentes na vida da escola, é pensar e repensar os currículos e os conteúdos escolares a partir dessa realidade tão diversa.

A produção de práticas democráticas e não preconceituosas implica o reconhecimento do direito a diferença, e isso inclui as diferenças raciais. Ai sim, estaremos articulando educação, cidadania e raça (GOMES, 2001, p.87).

De acordo com a autora a prática pedagógica tem de haver relação com a realidade dos alunos, levando tudo em consideração trabalhando sempre a cidadania para termos cidadãos mais reflexivos e mais humanos.

Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua “generosidade”, são sempre os oprimidos, que eles jamais obviamente chamam de oprimidos, mas conforme se situem, interna ou externamente de “essa gente” ou de “essa massa

cega e invejosa”, ou de “selvagens”, ou de “nativos”, ou de “subversivos”, quando reagem a violência de seus opressores (FREIRE, 1987, p.43).

Parafraseando com o autor, ele fala sobre os opressores ainda quererem justificar a agressão contra os negros, com nomes de baixo calão.

Quero muito, tanto na sala de aula como na minha vida pessoal, ver o dia em que as pessoas não mais julgarão de maneira pejorativa as outras pessoas por serem diferentes, mas que olhem com orgulho e curiosidade as diferenças que elas representam (ABEL, 2016, p.15).

Acima um apelo para que um dia todo esse racismo acabe, que as pessoas parem de julgar as outras pelas diferenças, mas isso deve começar de dentro para fora.

Já vi muitos colegas de profissão indignados porque alunos e alunas não se reconhecem enquanto negros e negras. Mas aí fica a pergunta: “Como posso querer fazer parte de um grupo onde só vejo exemplos negativos” (ADELAIDE, Diários e experiências, 2016, p.16).

O professor tendo essa visão que os alunos não se reconhecem como negros deve trabalhar com eles tal visão, valorizando o negro, criar projetos para que possam observar o quanto o negro é importante na sociedade.

Acredito que o racismo está enraizado na população brasileira e que foi apreendido historicamente. Sendo assim, enquanto educadores, precisamos criar situações em que os educandos possam apreender a valorizar as diferenças. (ALEXANDRA, Diários e experiências 2016, p. 20).

De acordo com ALEXANDRA devemos de acordo com a citação pois isso deve começar de nos mesmos que isso tem de ser com todos, de casa, da escola, pois só assim para conseguirmos ter bons resultados.

A escola como instituição social responsável pelo processo socialização tem um importante papel sobre a formação da consciência histórica dos educandos, e para desmistificar os estereótipos raciais, os livros didáticos são ferramentas políticas e cultural, disponibilizadas aos professores e aos

alunos, que pode colaborar com processo de desmistificação da história do negro no Brasil, desde que esse recurso não produza no uso pedagógico, os conceitos e ideologias de senso comum e da ideologia do branqueamento, onde o negro é visto como sujeitos ex- escravizados (SILVA; SOUZA; OLIVEIRA, 2014, p. 04).

A escola é uma das transmissoras do conhecimento e também ajuda a trabalhar esse racismo que existe formando educandos conscientes sobre o assunto, os livros também podem ajudar muito, pois os livros de história mostram essa realidade do negro.

A cor mais ou menos escura da pele o estado crespo do cabelo e a inferioridades intelectuais e sociais são frequentemente associadas a pele mais ou menos clara, o cabelo liso e o rosto octonados são atributos ordinários dos povos mais elevados na série humana. Jamais eleva-se espontaneamente a uma civilização (MUNANGA, 1984, p.43)

Nas palavras de Munanga,1984,p.43 que pela aparência do negro ele e colocado como se seu conhecimento fosse inferior, assim menosprezando ele pela a cor, cabelo etc.

Porém, leis sozinhas não bastam, nessa luta o papel do docente e fundamental. O professor deve possuir informações, formação, discernimento e sensibilidade sobre a situação da realidade racial e social no país para contribuir e superação do preconceito e discriminação (BRASIL, 1997, p.4).

No ambiente escolar de ensino junto às leis é importante, o professor deve passar para o aluno um novo pensamento, sabendo mais sobre a história, é comum na sala de aula surgirem brigas entre colegas com apelidos pejorativos como: negrinho, cabelo de Bombril, chocolate.

O que a escola pode fazer para contribuir na diminuição do preconceito existente nas diversas formas de tratamento que a sociedade tem exposto, machucando e prejudicando na formação e construção de sujeitos (Lopes 2001 apud MUNANGA, 2005, p.189).

Ela como parte integrante dessa sociedade tem que passar para os alunos o quanto o negro foi importante, e ainda é, pois, o Brasil é uma mistura de raças, e trabalhando isso com eles faz com que esse racismo diminua.

Os profissionais da educação deveriam estar mais capacitados sobre o tema para que possam trabalhar com os alunos, mostrando a importância do tema, é o que elucida Leda (Direitos Humanos, Gênero e diversidade, 2016, p. 82)

Acredito que, para combater o preconceito, as escolas deveriam ter profissionais capacitados para falar sobre o tema abertamente e de forma compreensível, para que se mude o pensamento de alguns alunos que foram criados em famílias conservadoras.

É importante o trabalho em sala de aula sobre o racismo, conforme esclarece FELICIA (Diários e Experiências- Relações Étnico-Raciais.2016 p.72).

Eu sempre procuro trabalhar a diversidade, tenho giz de cera de diversas tonalidades de pele que os alunos usam em atividades quando pintam pessoas. Sempre, em roda de conversa, trato desses temas e procuro retomar sempre o respeito ao outro. É importante o trabalho em sala de aula sobre o racismo, conforme esclarece FELICIA (Diários e Experiências- Relações Étnico-Raciais.2016 p.72)

De acordo com FELICIA a mesma trabalha com seus alunos em relação a pele, por isso utiliza várias cores para que possam se expressar, e busca sempre conversa com eles e trabalha o respeito que devem ter uns com os outros.

Para trabalhar as práticas racistas no cotidiano escolar, inicialmente temos que ter práticas de desconstrução da ideologia racista, tentando combater a exclusão social, étnica e racial, buscando com um olhar crítico valorizar a pluralidade cultural, fazendo com que o aluno se perceba integrante e agente de transformação do ambiente, identificado seus elementos a interações possíveis. (LEIA, Diários e Experiências- Relações Étnico-Raciais.2016 p.105).

Para Leia, a desconstrução do racismo é a primeira coisa que deve ser feita, e assim ir trabalhando o social, assim o aluno se sente no meio da transformação, com isso se sente incluído no espaço.

A maioria dos professores se orienta pelo livro didático para trabalhar os conteúdos em sala de aula. Nos livros de história, por exemplo, o negro aparece basicamente em dois momentos: ao falar de abolição da escravatura e da apartheid (Revista A consciência negra e o preconceito racial, 2009, p. 03).

De acordo como artigo, o negro, na maioria das vezes aparece poucas vezes nos livros, e com isso o negro acaba não aparecendo. Dessa maneira o aluno acaba que não conhece realmente a história dos negros, e não se sentem representados.

Trabalhar a razão de ser dos diferentes tipos de cabelo, ensinar como trata-los, realizar concursos de penteados afros, trazer trançadeiras para trançar na sala de aula, são algumas atividades que podem desconstruir a negatividade atribuída a textura dos cabelos crespos. (SILVA, 1996 p. 28)

Para Ana Celia essa seria uma das atividades para descontrair e trabalhar em sala as diferentes maneiras de valorizar os cabelos principalmente das meninas negras.

Vera Moreira Figueiras analisa também a postura do professor por ser ele aquele que transmite, a partir de sua condição de autoridade central na sala de aula, conceitos que serão absorvidos pelos alunos como conhecimento científico, conhecimento verdadeiro. Por tal motivo, estudar a formação do professor, no que toca a sua visão sobre o negro, e crucial para se perceber em que medida a escola está preparada para lidar com a questão racial. (História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados, 2008 p. 55).

A autora faz um questionamento em relação a postura do professor por ele ser o transmissor de conhecimento em sala de aula, e assim um profissional estando bem preparado para trabalhar o racismo na escola.

Conclui-se, portanto, no que se refere a postura do professor diante da questão racial em sala de aula, que o mesmo "atua como mantenedor difusor do preconceito racial entre os alunos, seja por omissão, seja por efetivas declarações racistas, seja pelo simples fato de desconsiderar a questão, por trata-la como um problema menor ou inexistente". (Sant'ana, 1996 p. 68).

Para o autor, a atuação do professor é importante na questão racial, pois, dependendo da sua atitude ele acaba contribuindo com o racismo por achar que não tem importância o assunto.

A cor negra aparece com muita frequência associada a personagens maus: "O negro associado à sujeira, à tragédia, à maldade, como cor simbólica, impregna o texto com bastante frequência" (ROSEMBERG, 2008, p. 84).

De acordo com Rosenberg, a cor negra é como se fosse algo ruim, isso acaba atrapalhando a autoestima do aluno e o mesmo não se sente representado nos livros. O aluno pode até se questionar de onde surgiu a cor negra, onde começou o racismo.

No momento de diálogo específico com a sua classe, ou informalmente, com toda certeza, alguns de seus alunos mais curiosos poderão perguntar: qual é a origem do racismo e de suas manifestações diretas como a discriminação, o preconceito, a segregação, os estereótipos, hoje tão arraigados no comportamento diário de milhões de brasileiros? E o aluno negro poderá perguntar: por que os racistas vivem pegando no pé de todos nós que somos negros? Por quê? (Sant'Anna, 1996, p.40).

O professor tem de estar preparado para enfrentar estas situações em sala, e tem de saber dar uma resposta e trabalhar isso com seus alunos, se possível fazer projetos com eles para que saibam mais sobre o assunto.

Quanto aos conflitos envolvendo alunos, recentemente tive que conversar com alguns meninos que foram preconceituosos com uma aluna negra. A peculiaridade do caso é que um dos alunos que participava da prática discriminatória também era negro. Com essa garota, estou sempre elogiando-a, dizendo o quanto ela é bonita, o quando seu cabelo é bonito, mas trabalha a autoestima e autoafirmação dessa crianças e uma tarefa árdua na nossa sociedade reprodutora de padrões de beleza brancos arianos.(CARMEN Diários e Experiências- Relações ÉtnicoRaciais. 2016, p. 39).

Para a autora, um ato de racismo com uma aluna onde um dos preconceituosos também é negro, onde o mesmo não deve se identificar como negro, a professora soube contornar a situação, mas infelizmente isso acontece muito nas escolas.

Nessa perspectiva a escola tem muito a contribuir, desde a educação infantil, que deve proporcionar situações de reflexão sobre os acontecimentos que tenham base no preconceito, seja por religião, gênero, ou o que for que gere atitudes como essas. (CECILIA, Diários e Experiências- Relações Étnico-Raciais 2016, p. 44).

Em relação a escola é parte importante para contribuir com ações interventoras, pois, desde pequenos, temos que aprender com as diferenças e saber que cada um é especial por ser diferente.

Na educação infantil, mais especificamente por ser minha área de atuação, já tenho um trabalho relativamente sistematizado com a temática com o apoio de livros de literatura infantil negra numa perspectiva de reconhecimento, fomentação da autoestima de bebês e crianças para que iniciem seus processos de protagonismo de suas próprias histórias, ao sentirem-se confortáveis com seus lindos cabelos e seus tons de pele num processo inicial de empoderamento. (CELIO, Diários e Experiências- Relações Étnico- Sociais 2016, p. 49).

Observamos a citação acima, o autor nos mostra uma prática pedagógica que ele faz com seus alunos, já de maneira a trabalhar o reconhecimento e suas diferenças, essa prática também irá ajudá-los a lidar com as diferenças entre eles.

A escola também é um espaço para reprodução de comportamentos, e, como tal, também encontra atitudes e falas racistas. São apelidos, brincadeiras de cunho pejorativo. A mídia traz sua contribuição, passando a falsa ilusão de que mulher "ideal" tem que ser loira, magra, olhos azuis, cabelos lisos. Interessante o documentário "Cores e Botas", onde os alunos podem conhecer as "paquitas" do extinto "Xou da Xuxa", que selecionava sempre loiras, e mesmo as princesas Disney que seguiam, em sua maioria, os mesmos padrões. (DIONE, Direitos Humanos, Gênero e Diversidade na Escola 2016, p. 60).

Para o autor, na escola acontece muitos comportamentos e falas racistas onde a mídia acaba ajudando na sua divulgação, por geralmente escolherem pessoas brancas, loiras etc.

Racismo, preconceito e discriminação são temas de veiculação crescente em nossa imprensa. Com isso, aumentam-se os debates, incentivando a discussão destes temas dentro e fora da escola. (História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados, 2014, p. 61).

De acordo com a citação o racismo é um tema que vem tendo muita repercussão, não só nas escolas, mas fora dela também, nas mídias entre outros, a escola é fundamental para levar o mesmo para dentro do âmbito escolar e ser trabalho.

Os livros de sétima série, apresentam imagens de negros nos engenhos de açúcar, crianças negras trabalhando em fornos de carvoarias no Estado do Maranhão, escrava sendo castigada por ter quebrado um jarro de barro, crianças e adultos num lixão, crianças negras trabalhando em cizal no Estado da Bahia, e uma charge que fala sobre o preconceito sofrido pelo negro na hora de conseguir emprego. Na segunda coleção do autor Schimidt, o livro da quinta série apresenta várias imagens de pessoas brancas e negras, sendo o negro sempre em situação de desfavorcimento. (TEIXEIRA, 2009, p. 400).

Conforme Teixeira, a maioria das imagens que o negro está sempre por baixo do branco, a exploração do negro que ocorre desde criança com trabalho infantil, isso contribui para que o aluno se sinta inferior.

A pigmentação relativamente escura é uma marca de diferenciação que condena numerosos grupos ao desprezo, ao ostracismo e a uma posição social humilhante. O preconceito de cor é tão acentuado em certas pessoas que dá origem a fobias quase patológicas, estas não são inatas, mas refletem, de uma forma exagerada, os preconceitos do meio social. Afirmar que um homem é um ser humano inferior ao outro porque é negro é tão ridículo como sustentar que um cavalo branco será necessariamente mais ligeiro que um cavalo negro. (COMAS, 1970, p. 26).

Comas faz uma comparação que nos deixa fazer pensar como o racismo é sujo, essas atitudes acabam gerando grandes sequelas nos alunos, algumas que podem prejudicar seu rendimento escolar, em casa e na vida.

Racismo e a suposição de que há raças e, em seguida, a caracterização biogenética de fenômenos puramente sociais e culturais. E também uma modalidade de dominação ou, antes, uma maneira de justificar a dominação de um grupo sobre outro, inspirada nas diferenças fenotípicas da nossa espécie. Ignorância e interesses combinados, como se vê (SANTOS, 1990, p.12).

Santos nos fala das diferenças, raças, genética, grupos que se vem melhor que outros, por se acharem superiores.

A teoria ou ideia de que existem uma relação de causa e efeito entre as características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura. E somados a isso, a noção de que certas raças são naturalmente inferiores ou superiores a outras (BEATO, 1998, p. 01).

Fazendo uma junção das citações de Santos e Beato os dois falam sobre raças que se acham superiores julgando o outro por características físicas, traços, julgamentos que acontecem corriqueiramente na sociedade.

5- Pesquisa de campo com e Alunos

O questionário foi direcionado há 20 alunos, dez do Quinto Ano e dez do Sexto Ano de uma Escola Estadual em um bairro na cidade de João Pinheiro MG no ano de 2018, o mesmo teve como intenção saber o que os alunos entendem sobre o tema racismo.

Foi perguntado para os alunos, o que é racismo. Em relação à pergunta os entrevistados responderam:

Racismo é você não aceitar a raça do outro, a cor do outro, a religião do outro, o cabelo do outro e etc.

E quando você xinga a pessoa tipo: macaco, gordo, negro etc.(aluno A).

E jogar as pessoas pela cor do cabelo, cor da pele. (Aluno B). E uma maneira de machucar ofender as pessoas com palavras e agressões, excluindo a pessoa. (Aluno C).

E as pessoas que se preocupa com seu tipo de vestir a cor da pele e seu cabelo. (Aluno D).

Pode observar que muitos alunos sabem o que é racismo, pois a escola também trabalha o assunto com eles. (Aluno E).

A cor mais ou menos escura da pele o estado crespo do cabelo e a inferioridades intelectuais e sociais são frequentemente associadas a pele mais ou menos clara, o cabelo liso e o rosto octonados são atributos ordinários dos povos mais elevados na série humana. Jamais eleva-se espontaneamente a uma civilização. (MUNANGA 1984, p. 43).

Cada aluno tem uma visão de como é o racismo, de como é ou não a aceitação do próximo perante a cor do outro.

Segunda pergunta: Na sua opinião há racismo no Brasil

Sim mais não todos brasileiros são racistas. O Brasil não é todinho racista. (Aluno A)

Sim por que muitas violências na rua, briga, xinga, e etc. (Aluno B).

Sim, porque a brigas, violência, injustiça, desespero e etc... (Aluno C).

Sim por tem muita pessoa invejosa que se preocupa com as diferenças dos outros. (Aluno D).

Sim. Porque as pessoas praticam o racismo. (Aluno E).

Nos grupos sociais que frequentamos. (Amanda, Diários e experiências 2016, p.21) Acredito que o racismo está enraizado na população brasileira e que foi apreendido historicamente. Sendo assim, enquanto educadores, precisamos criar situações em que os educandos possam apreender a valorizar as diferenças. (Alexandra, Diários e experiências 2016, p. 20)

De acordo com os alunos o Brasil é sim racista, mas não são todos os brasileiros, pois o país vem de um passado onde o negro era muito desvalorizado onde ele não se tinha valor.

A terceira pergunta foi: O Brasil é um país racista

Sim muito. (Aluno A).

Sim, mais depende de nós podermos mudar isso. (Aluno B).

Não, pois as pessoas são racistas mas nem todos. (Aluno C).

Sim. (Aluno D).

Sim e não, pois tem pessoas que não faz racismo. (Aluno E).

A teoria ou ideia de que existem uma relação de causa e efeito entre as características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura. E somados a isso, a noção de que certas raças são naturalmente inferiores ou superiores a outras (BEATO, 1998, p.01).

A pergunta foi para ver qual era a visão que eles possuem sobre o Brasil em relação ao tema abordado, se há grandes índices de racismo.

A quarta pergunta foi para ver a visão dos alunos sobre: Como a escola trabalha combater o racismo?

Sim a professora de ensino religioso trabalha este tema. (Aluno A).

Sim, racismo, violências etc. (Aluno B).

Sim principalmente a professora de Ensino religioso fizemos ate cartazes sobre o bulliyng e o racismo. (Aluno C).

Sim sempre. (Aluno D).

Sim, nas aulas de ensino religioso. (Aluno E).

O que a escola pode fazer para contribuir na diminuição do preconceito existente nas diversas formas de tratamento que a sociedade tem exposto, machucando e prejudicando na formação e construção de sujeitos. Lopes (2001 apud MUNANGA, 2005, p.189).

A escola é muito atenciosa com esses assuntos, e está sempre trabalhando os mesmos com os alunos de maneira que todos interagem, até mesmo os alunos fizeram confecções de cartazes com a professora de ensino religioso sobre o tema.

Essa quinta pergunta teve a intensão de ouvir relatos com a seguinte pergunta. Você já sofreu racismo? Relate como foi essa experiência.

Não. (Aluno A).

Sim os meus colegas me chamando de leite azedo e muito mais que isso. (Aluno B)

Sim, é ruim porque eu não fiz nada e todo mundo da sala ficou sem conversar comigo, eu me sentir excluída, solitária, triste, mas agora se todo mundo da sala ficar sem conversar comigo eu nem ligo por que é nessas horas que você percebe quem

são seus amigos. Obs. Eu espero que isso não aconteça com mais ninguém porque dói muito. (Aluno C).

Não. (Aluno D).

Não. (Aluno E).

Racismo e a suposição de que há raças e, em seguida, a caracterização biogenética de fenômenos puramente sociais e culturais. É também uma modalidade de dominação ou, antes, uma maneira de justificar a dominação de um grupo sobre outro, inspirada nas diferenças fenotípicas da nossa espécie/ignorância e interesses combinados, como se vê (SANTOS, 1990, p.12)

Por meio dessa pergunta é possível perceber que ainda acontece atos racistas na educação, as vezes explícito ou não são situações em que alunos se sentem até mesmo deslocados dos colegas.

5.1 Pesquisa de Campo com Professores de uma Escola Estadual da Cidade de João Pinheiro MG.

A pesquisa de campo com professores foi realizada para a conclusão do trabalho, pois o mesmo tem a intenção de observar o tema com os alunos, qual a visão do mesmo sobre o tema.

O questionário com cinco questões abertas foi aplicado a três professores de uma escola estadual da cidade de João Pinheiro no ano de 2018.

Vejo que embora nos professores lutemos para que nossos alunos aprendam a viver na diversidade, fizemos uma pesquisa entre eles e constatamos uma coisa que me deixou bem triste: mais de 80% de nossos alunos são negros, mas na pesquisa somente 10% se autodeclararam negros. (FELIX, 2008, p.74).

Segundo Felix a escola observa que muitos alunos não se identificam como negros, eles têm de saber trabalhar e mostrar a valorização do negro para a sociedade, e mostrar que não há inferioridade entre negros e brancos.

A primeira pergunta é se o tema racismo é trabalhado, ou atuação se há Uma educação antirracista.

Dentro do Plano anual desenvolvemos o projeto Valores. Nele está previsto ações antirracistas. (Professor A).

A escola conta com um projeto chamado: Escravo, Nem Pensar! Que trabalha durante o ano com questões antirracistas e na semana da consciência negra é feito uma campanha ainda maior. (Professor B).

A segunda pergunta é sobre qual a visão dele sobre o racismo na escola.

Está diminuindo a cada ano; é possível notar o quanto os alunos se valorizam e são mais unidos depois desse projeto. (Professor A).

O racismo ainda é muito forte em nossa região e dentro da escola buscamos mostrar o quanto é necessário não apoiar essa causa de preconceitos. (Professor B).

A terceira pergunta tratava sobre qual a visão do professor sobre a família se ela contribui no racismo.

Ninguém nasce racista ela se torna racista. Logo, a família se torna responsável por passar valores que irão combater o racismo. O contrário, irá cria-los. (Professor A).

O primeiro exemplo surge em casa com a própria família, porém essa visão pode ser mudada com a comunidade em que convive. (Professor B).

A quarta pergunta questionava se as ações educativas contra o racismo fazem parte do currículo escolar.

Com certeza, a escola conta com projetos que abrange todas as disciplinas e professores de geografia, história, e sociologia reforçam durante o ano sobre o tema. (Professor A). Sim! São desenvolvidas ao longo do ano e não somente em datas comemorativas. (Professor B).

A quinta e última pergunta era de caráter pessoal, sendo o professor questionado se já havia sofrido racismo na escola por alunos ou colegas de trabalho.

Diretamente não! Nesse país o racismo é velado, ele as vezes se manifesta de uma forma quase invisível. Contudo, dentro da escola não. (Professor A).

Não. (Professor B).

6- Considerações finais

O Tema racismo na escola e como debelar com ações pedagógicas é de grande importância para a escola em geral, pois é um assunto que vem ganhando grande repercussão, o racismo e a discriminação social baseado no conceito de raça, por pensarem que existe uma raça superior as outras, uma cor superior às outras. O Brasil ainda traz uma grande herança de racismo, as redes sócias, os meios televisivos, as revistas e jornais e as escolas trabalham esse tema com a intenção de diminuir o mesmo, e vem conscientizando as pessoas, pois o país possui uma diversidade de raças, onde nem todos veem diferença, mas ainda temos muito a melhorar.

A escola vem dando grande visão ao tema, não por trabalhar só em datas comemorativas, mas durante o decorrer do ano, isso contribui para que os alunos entendam o que é racismo e como banir o mesmo da sociedade, onde a escola atua junto da comunidade escolar, buscando várias maneiras de desenvolver, com trabalhos de conscientização, teatro, sarau, até mesmo, com a participação da família na escola uma conscientização de que o racismo precisa acabar.

Referências:

BEATO, Joaquim. **Um novo milênio sem racismo na igreja e na sociedade**, CENACORA, 1998.

DUCAM, Quince, POWEL, Loren. **Teoría y práctica del racismo**. DEI Costa Rica-

Coleccion Analisis, 1988

Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais. Brasília MEC\ SEF, 1997

ROCHA, José Geraldo da. **Teologia e Negritude**. Santa Maria, Pallotti, 1998.

SANTOS, Joel R. O que é racismo. **Coleção Primeiros Passos, 1984.**

MUNANGA, Kabengele. **Negritude. Usos e sentidos.** São Paulo: Ática, 1996.

Superando o racismo na escola. 2 edição revisada\ Kabengele Munanga, organizador. -[Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada. Alfabetização e Diversidade, 2005.

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19120/3/discriminacaoRacialSala.pdf>, acesso dia 21/09/2018.

Diários e Experiências relações étnico – raciais Vivencias e histórias de vidas na educação básica. Editora pontocom,2016 <http://www.Comciencia.br/Reportagens/negros/03.shtml>